

“Black Lightning is Back”: O Racismo Institucional Presente em Raio Negro¹

Lucas da Silva NUNES²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria , RS

RESUMO

O presente artigo aborda as formas que o racismo institucional se faz presente nos episódios da primeira temporada da série “Raio Negro”. Para isso, faz uso das conceituações teórico-metodológicas dos Estudos Culturais, tais como as representações de Woodward (2002) e Hall (1980). O percurso metodológico se desenvolveu através da análise cultural de Williams (2003) e análise textual de Casetti e Chio (1999). Por fim, foi observado que a representação do racismo institucional se dá por meio de três características: a violência praticada pelas instituições (polícia e órgãos de saúde); vulnerabilidade social e e diferenças econômicas; e envolvimento com a criminalidade.

PALAVRAS-CHAVE: estudos culturais; representações; racismo institucional; Raio Negro;

Introdução

Falar sobre pautas sociais implica discutir sobre os assuntos levantados por grupos e/ou indivíduos que na maioria das vezes são invisibilizados e silenciadas pelos grupos dominantes, a exemplo dos indígenas, dos homossexuais, idosos e, no caso deste artigo, os negros. Visto isso, o presente artigo busca identificar como o racismo institucional é representado nos cinco primeiros episódios da primeira temporada da série Raio Negro, exibida mundialmente pelo canal CW e no Brasil pelo serviço de streaming Netflix. Ao todo são 12 episódios, mas este recorte metodológico nestes episódios foi feito com o intuito de verificar de que forma ela introduz este tipo de assunto para seu público, no início da série.

A base teórico-metodológica deste trabalho centra-se nos Estudos Culturais, de origem no século XX, na Inglaterra, exatamente na época em que o panorama político

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Mestrando em Comunicação Midiática, e-mail: lucasnunespp@gmail.com

se via afetado pelo período do pós-guerra (ESCOSTESGUY. 2010). Eles são conhecidos por serem uma perspectiva tanto teórica, quanto metodológica, capazes de identificarem as relações existentes entre a sociedade, a mídia e seus discursos. Assim, para Hall (1980, p. 7) os Estudos Culturais “não se configuram como uma coisa única, mas como o estudo dos aspectos culturais da sociedade”.

Vale ressaltar que durante os anos 70, sob a direção de Hall, os produtos midiáticos e conseqüentemente seus textos mídia começaram a ser vistos como expressão da ideologia de grupos dominantes. Com o objetivo de contestar estes discursos nos anos seguintes, precisamente a partir de 1980, foram objeto dos estudos da mídia as questões que envolviam a formação das identidades, gênero e raça (ESCOSTESGUY. 2010).

Silverstone (2002) ressalta que os estudos da mídia são de extrema importância, pois eles possibilitam a compreensão dos processos referentes à produção e interpretação dos significados presentes nos textos/discursos emitidos por ela. Seja na maneira como eles surgem ou no modo como eles são interpretados ou afetam a sociedade. Visto que para o autor, a mídia pode ser definida como sendo onipresente, diária e encarada como “uma dimensão essencial da nossa experiência contemporânea”. Para ele passamos a depender dela para darmos sentidos nas continuidades e intensidades da experiência humana (SILVERSTRONE. p 12. 2002). O autor, ainda levanta as questões do papel da televisão neste processo, visto que ela é o meio comunicacional que tem maior consumo na sociedade, sendo que a mídia de modo geral, oferece textos e representações para serem interpretados pela audiência e pautam o nosso cotidiano (SILVERSTRONE. 2002).

Tocando no assunto representações, para Hall (1997) elas são utilizadas com o intuito de apresentar o mundo e atribuir determinado(s) sentido(s) a ele. Estes sentidos, para o autor devem ser compartilhados entre os agentes sociais, e se estabelecem por meio de uma linguagem comum entre os agentes sociais.

Ainda vale ressaltar que elas são capazes de trazer à cena pública elementos que não estão presentes no convívio social, sendo assim a principal fonte de informações sobre os temas apresentados, ou seja, tendo a responsabilidade de representá-los como realmente são por meio de significados e linguagens utilizadas em suas abordagens (FREIRE FILHO, 2004).

Analisar tal produto midiático recai sobre as conceituações de Woodward (2000) sobre as representações, para ela, os sistemas de representações incluem todas as práticas e sistemas simbólicos, principalmente os discursos, pois eles orientam nossos posicionamentos e ideologias. Representar algo está ligado ao fato de utilizar meios de compreensão, como a linguagem, para disseminar informações sobre o mundo ou indivíduos para outrem, descrevendo-os, retratando-os e atribuindo significados.

Nesse espectro teórico, a mídia seria a responsável por construir uma imagem das vidas, das práticas e dos valores presentes no meio social, por meio do princípio da verossimilhança, defendido por Jodelet (2002). A autora cita que as produções ficcionais, no nosso caso as séries não têm a obrigação de representarem o real de forma literal, mas apresentarem uma gama de elementos que se assemelham ao mundo real.

Antes de debatermos sobre as representações do racismo presente na série em um primeiro momento, contextualiza-se sobre a obra midiática em questão e depois sobre o tema racismo de maneira geral.

Black Lightning- a série

A cultura afro nas HQs começou a ser explorada de maneira recorrente no início dos anos 70 e a editora Dc Comics, em 1971 começou a criar e lançar heróis negros para suas histórias. Sendo que o primeiro era conhecido como Vykin, lançado em 1971. Ainda em 1971, Jack Kirby idealizou o segundo personagem negro da DC, o Corredor Negro, fazendo sua primeira aparição na revista New Gods 3. “Este personagem é uma entidade cósmica que representa a morte, porém eles não eram protagonistas de suas histórias, fato que só veio a ocorrer posteriormente” (WESCHENFELDER , 2013, pg. 67). Seis anos depois, em 1977, surgem as primeiras HQs de um herói negro. Este ficou conhecido pelo nome de Raio Negro.

O campeão olímpico Jefferson Pierce resolve voltar para casa, um bairro pobre e violento em Metrópolis, chamado Beco do Suicídio, para trabalhar como professor. Com seus poderes elétricos, resolve enfrentar criminosos da região, tornando-se o Raio Negro. Tal personagem traz símbolos das comunidades afro-americanas, como uma peruca Black Power e roupas coloridas (WESCHENFELDER , 2013, pg. 81).

Já sua série de tv, conta que Jefferson Pierce há nove anos se aposentou de sua vida de super-herói, depois da mesma abalar estruturalmente seu casamento e sua família como um todo. Porém ele se vê obrigado a se tornar um vigilante novamente quando o surgimento de uma gangue local chamada "Os 100" leva ao aumento do crime e da corrupção em *Freeland*, sua comunidade. Outro fator é o de quê sua filha mais velha Anissa Pierce (Nafessa Williams) envolve-se com problemas judiciais logo no primeiro episódio, ao participar de um protesto contra a violência. Além disso, a criminalidade e o uso de drogas chega na escola *Garfield High*, onde Jefferson é diretor.³



Figura 1: Imagem de divulgação da série

Racismo como instituição

Hall (1980) aborda que o racismo faz parte de uma especificidade histórica, na qual o que está em jogo é a organização social como configuração e relações desiguais.

³ Disponível em: <<

O autor ainda considera o racismo “uma forma de dividir e distribuir a população” (HALL, 1980, p. 366).

Lopes (2012) diz que o racismo apresenta-se de dois modos: aberto e encoberto, e estas duas formas estão estreitamente relacionadas. A forma aberta é aquela que diz respeito à forma individual, manifestando-se em atos de violência contra indivíduos negros. Já o racismo encoberto se dá através de subjetividades e comportamentos naturalizados, por isso ele é menos identificável. Ele tem sua origem no meio social, principalmente em seu caráter histórico. Para a autora, ele se manifesta através da reprodução de políticas institucionalmente racistas. Sendo assim não se pode atribuir um culpado por ele, pois ele nasce da reprodução deste modo de pensar. A isto, damos o nome de racismo institucional ou institucionalizado. Definição que para Guimarães (1999) tomou forma a partir dos anos de 1960, quando a ciência social passou a admitir que existem mecanismos de discriminação inscritos na operação do sistema social e que funcionam, até certo ponto, à revelia dos indivíduos, ou seja, de forma estrutural.

Abordagem metodológica

A abordagem metodológica se dá através da análise cultural levantada por Williams (2003), onde o autor estabelece que a cultura seja compreendida pelo conjunto de leis e aspectos gerais que se estabelecem para se compreender e criar correlações entre a sociedade. Ela, então busca elaborar indagações sobre as formas e signos disseminados na sociedade sobre determinados temas e aspectos de dado grupo social, neste caso busca-se identificar os modos como o racismo institucional se fazem presentes dentro da narrativa de Raio Negro através de suas cenas e diálogos.

Adentrando no corpus do artigo, vale ressaltar que as narrativas audiovisuais são compostas por diversos recursos que contribuem para seu entendimento. De modo simplista e geral, pode-se citar que “os elementos que compõem o audiovisual se articulam para produzir um discurso narrativo” (GERBASE, 2003, p. 290).

Analisar o modo como os produtos televisivos produzem sentido se faz de extrema importância, permitindo identificar os recursos utilizados pelos processos de produção, como também interpretar os significados implícitos e explícitos das imagens. Para isso, o pesquisador deve levar em conta que todos os elementos que compõem a

cena audiovisual estão interligados, sejam eles: a narrativa das tramas; os personagens e os elementos técnicos. (CASSETTI e CHIO 1999).

O dispositivo metodológico utilizado neste artigo é o modelo de análise textual proposto por Casetti e Chio (1999), que propõe classificar os elementos que compõem o audiovisual em categorias. Por ser um modelo aberto e passível de adaptações para melhor atender aos objetivos da pesquisa, optou-se para este trabalho, focar-se na categoria dos elementos nomeados como as cenas e diálogos (CASSETTI e CHIO 1999). Porém outras categorias também poderiam ser analisadas, como os sujeitos e suas interações (caracterizações e comportamentos são alguns exemplos desta categoria), os textos verbais (diálogos e trilhas) e a história/enredo. Neste artigo, foca-se em algumas cenas específicas dos cinco primeiros episódios, com a finalidade de identificar os elementos que remetem ao racismo institucional, para isto, todos foram assistidos de modo integral, onde algumas cenas e diálogos foram isolados, para serem analisados com maior profundidade.

O racismo institucional em Raio Negro

Como abordado anteriormente, o enredo da série gira em torno do personagem de Cress Williams, mas não somente em sua forma heróica. Jefferson também atua como diretor da “*Escola Garfield High*”, no bairro onde mora, fato bastante abordado durante a temporada, pois ele deixa claro que luta contra as desigualdades sociais e “perigos” que rondam a comunidade negra e para isso, utiliza a educação e sua influencia como diretor.

O episódio um da primeira temporada começa com o protagonista (Jefferson Pierce/ Raio Negro) e sua filha mais nova Jeniffer (China McClain) indo a uma delegacia buscar sua outra filha, Anissa Pierce, que tinha sido detida após participar de uma manifestação. Na cena em questão, que acontece aos 0 min. e 26 segundos é possível ver uma televisão ligada com a seguinte notícia “Gangue The 100 leva outras vidas inocentes (tradução livre)”. Nota-se que as pessoas retratadas na notícia são negras. Tratam-se dos pais de um garoto vítima da organização “Os 100”- um dos principais antagonistas da série. Identifica-se neste ponto que mesmo tendo uma família estruturada, o jovem em algum momento teve sua vida atravessada pela criminalidade.



Figura 2: Frame do primeiro episódio

Nesta cena já é possível identificar que o racismo institucional se faz presente, pois para Silva *et al* (2009) ele opera através da diferenciação da distribuição de serviços, benefícios e oportunidades, levando em conta os fatores raciais. Sendo assim comunidades afetadas por estas características estariam vulneráveis às situações que as levassem à criminalidade.

Ainda no mesmo episódio, porém minutos depois (aos 3 min. e 32 segundos), Jefferson sai da delegacia com suas filhas, porém é abordado por policiais. Sendo obrigado a parar seu carro e mesmo se apresentando como diretor da escola Garfield ele é obrigado a retirar-se do veículo e é duramente revistado, mesmo sem expressar reação que significasse algum risco aos policiais.



Figura 3: frame do primeiro episódio

Na cena, ele fala que é a terceira vez no mês que é parado pela polícia e então logo em seguida o policial pergunta a uma mulher branca que estava no carro do lado,

perguntando “é esse o cara?” e ela acena a cabeça negativamente. O seguinte diálogo entre Pierce e o policial nos apresenta outra forma de racismo institucional:

Policial- a loja dela foi assaltada.

Jefferson- E eu tenho certeza que a descrição era um homem negro vestindo um terno e gravata, e o carro da fuga um modelo sedan médio. Tá bom?

Hall (2016), no livro “Cultura e representação” estabelece que existam alguns estereótipos sobre o negro, sendo que todos eles são fundados por pensamentos racistas. Um deles descreveria a figura dos “malandros”; os “pretos inúteis”- caracterizados por aqueles que sempre seriam suspeitos de algo, representando a figura do negro com índole duvidosa. Como ocorre nesta cena e explicitado pelo diálogo, onde o personagem, mesmo não estando no local do crime e aparentando uma condição social elevada não foi descartado como suspeito.

No episódio 3, vemos mais um exemplo da vulnerabilidade enfrentada pelos negros. O episódio em questão aborda a personagem Lawanda, ela é uma mãe que decide investigar o desaparecimento de sua filha e no fim descobre que ela foi aliciada pela “Gangue os 100”, como explicitado pelo diálogo entre ela e Jefferson Pierce, aos 3 min. e 40 s. do episódio. Ela então afirma que: “A minha filha foi aliciada pelos 100”. Ainda neste episódio, porém agora aos 5 min. e 16 s. há um diálogo entre o delegado e o reverendo da igreja local, onde a criminalidade com os jovens negros também é retratada:

“Enquanto o senhor está aí em seu púlpito, secando sua testa com seu lenço de seda e olhando as horas em seu relógio de 25 mil dólares, eu estou na rua retirando corpos negros do concreto. A rua é meu púlpito reverendo

A desigualdade social é mencionada, quando namorado da filha mais nova de Jefferson acaba sendo baleado em um protesto e quando é levado ao hospital, os pais de Jenifer a repreendem por passar muito tempo com Khalil (seu namorado) no hospital e deixar suas atividades e sua vida de lado. Então aos 15 m. e 45 s. do quarto episódio ela diz que:

A mãe dele não pode ficar com ele, porque tem que fazer hora-extra pra pagar o hospital

No quinto episódio, aos 9 min. e 29 s. vemos um homem negro com sua filha doente nos braços sendo atendido em uma farmácia, na situação, ele reclama com o atendente (que é branco) que a febre da sua filha não baixa e por isso está devolvendo o remédio que comprou, mas o atendente se recusa a aceitar como ilustrado na imagem abaixo:



Figura 4; frame do quinto episódio

Ao observar de longe, Pierce intervém em defesa do homem e descobre que a caixa de remédios está vencida a três anos. Então questiona ao atendente qual o motivo de não aceitar de volta, já que está vencida. O atendente alega que não pode e que são normas da farmácia, visto que ele apenas recebe ordens.

Este episódio evidencia determinado descaso com a população do bairro *Freeland*, pois vemos que a farmácia vende remédios com data de validade vencida. Neste caso, ressalta-se que os aparatos institucionais, aqui entendidos como a farmácia, encontram-se a serviço dos grupos hegemônicos e “suas manifestações são observáveis por meiodos padrões de sistemática desigualdade produzida pelas burocracias do sistema, que, por sua vez, ao lado das estruturas, formam as instituições” (SOUZA, 2011, p.80), como o exemplo da venda de medicamentos vencidos em uma farmácia de comunidade negra.

Considerações finais

O foco da pesquisa recai sobre as formas de rerepresentação do racismo institucional, como para Woodward (2000) e Hall (1980) ela- a representação- está intimamente ligada à utilização da linguagem, e neste caso admite-se o audiovisual

como uma forma de linguagem. Por fim, foi observado que a série Raio Negro apresenta em seu enredo algumas formas de alertar seu público para as questões que envolvem o racismo e a discriminação, principalmente quando diz respeito à violência e vulnerabilidade enfrentada pela população negra do bairro *Freeland*.

A **produção dos significados**, através das cenas e diálogos, nestes episódios sobre as formas de racismo institucional, **se dá por meio de três aspectos/representações: a violência praticada pelas instituições (polícia e órgãos de saúde); vulnerabilidade social e diferenças econômicas; e envolvimento com a criminalidade.**

Foi constatado que o racismo institucional está ligado ao contexto social ficcional da trama, sendo retratado por algumas cenas e diálogos, porém um fato observado é o de ele não é abordado como ponto central da narrativa, pois ainda que traga um debate sobre estas questões e cumpra o que Silverstrone (2002) defende sobre a televisão levantar pautas do cotidiano, Raio Negro ainda é uma série sobre um super-herói e lida com narrativas ficcionais e fantasiosas. Ou seja, não é uma série sobre racismo, mas tem sua trama permeada diversas vezes sobre o assunto.

Os episódios em análise colaboram para as noções de (REX, 1987, apud SOUZA, 2011), pois para ele, o termo refere-se à ideologias estruturais que acabam produzindo consequências desiguais para os membros das diferentes categorias raciais.

REFERÊNCIAS

CASSETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Grupo Planeta (GBS), 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2010.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco Pós. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ**, v. 7, n. 2, p. 45-65, 2004.

GERBASE, Carlos. **Cinema: direção de atores: antes de rodar, rodando, depois de rodar**. Artes e Ofícios, 2003.

GUIMARÃES, A . S. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. “Cultural studies and the Centre: some problematics and problems”. In: HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D. e WILLIS, Paul (orgs.), *Culture, Media, Language*, London/New York: Routledge/CCCS, 1980a, p. 15-47.

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. **PUC-Rio: Apicuri**, 2016.

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44

LÓPEZ, Laura Cecilia. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 121-134, 2012.

OLIVEIRA, F. A questão do Estado: vulnerabilidade social e carência de direitos. In: Subsídios à Conferência Nacional de Assistência Social, 1. Brasília: CNAS, out. 1995. (Cadernos ABONG)

SILVA, J. et al. A promoção a igualdade racial em 2006 e o Programa de Combate ao Racismo Institucional. In: JACCOUD, L. (Org.). **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos vinte anos**. Brasília: Ipea, 2009. p.147-70.

SILVERIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, v. 117, n. 2, p. 219-246, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. Sage, 2002.

SOUZA, Arivaldo Santos de. RACISMO INSTITUCIONAL: PARA COMPREENDER O CONCEITO. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 77-88, fev. 2011. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/275>>. Acesso em: 02 maio 2019

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Os negros nas histórias em quadrinhos de super-heróis. **identidade!**, v. 18, n. 1, p. 67-89, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Nueva Vision Saic, 2003.